

A detailed historical map of Italy, showing regional boundaries and color-coding. The map is titled 'ITALY.' in the top right corner. The regions are color-coded: the north is in shades of red and pink, the center in yellow and green, and the south in orange and red. The map includes a grid of latitude and longitude lines, and various geographical features like mountains and rivers. The title 'ITALY.' is in a large, bold, serif font. Below the title, there is a scale bar and some smaller text, including 'Scale of Miles and Kilometers' and 'Scale of Nautical Miles'. The map is oriented with North at the top.

ITALY.

Deivy Ferreira Carneiro
Máira Ines Vendrame
ORGANIZADORES

Espaços, escalas e práticas sociais na micro-história italiana

 **FGV EDITORA**

Copyright © 2021 Deivy Ferreira Carneiro, Maíra Ines Vendrame

Direitos desta edição reservados a
FGV EDITORA
Rua Jornalista Orlando Dantas, 9
22231-010 | Rio de Janeiro, RJ | Brasil
Tels.: 0800-021-7777 | 21-3799-4427
Fax: 21-3799-4430
editora@fgv.br | pedidoseditora@fgv.br
www.fgv.br/editora

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei nº 9.610/98).

Os conceitos emitidos neste livro são de inteira responsabilidade dos autores.

1ª edição – 2021

Preparação de originais: Sandra Frank
Capa: Estúdio 513

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Mario Henrique Simonsen/FGV

Carneiro, Deivy Ferreira
Espaços, escalas e práticas sociais na micro-história italiana [recurso eletrônico] / Deivy Ferreira Carneiro, Maíra Ines Vendrame. - Rio de Janeiro : FGV Editora, 2021.
1 recurso online (284 p. : il.) : PDF

Dados eletrônicos.
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5652-086-5

1. Itália - História. 2. Micro-história. I. Vendrame, Maíra Ines. II. Fundação Getulio Vargas. III. Título.

CDD – 945

Elaborada por Rafaela Ramos de Moraes – CRB-7/6625

Sumário

Apresentação: Avanços e novas perspectivas a partir da segunda geração da *microstória* italiana 7

Deivy Carneiro

Maíra Ines Vendrame

1 A pluralidade do passado 24

Sabina Loriga

2 Microstoria: relações sociais *versus* modelos culturais? Algumas reflexões sobre estereótipos e práticas históricas 39

Simona Cerutti

3 "A Contrapelo": diálogo sobre o método 59

Simona Cerutti

4 Quem está embaixo? Uma releitura de E. P. Thompson, historiador das sociedades modernas 69

Simona Cerutti

5 Ofícios aparentados: cirurgiões-barbeiros e artesãos dos corpos em Turim (séculos XVII e XVIII) 99

Sandra Cavallo

6 O saber das relações: vínculos e raízes sociais de uma administração na França do século XIX 122

Maurizio Gribaudi

7 Percursos individuais e evolução histórica: quatro trajetórias operárias na França do século XIX 160

Maurizio Gribaudi

8 *Microstoria/microhistoire/microhistory* 198

Francesca Trivellato

9 Existe futuro para a micro-história italiana na era da história global? 214

Francesca Trivellato

- 10 Processos criminais e micro-história: direito, grupos populares e a Justiça Criminal em Minas Gerais (1854-1941) 245
Deivy Ferreira Carneiro
- 11 Pensando o problema das conexões, do equilíbrio e da complexidade a partir da perspectiva da micro-história 260
Maíra Ines Vendrame
- Autores 282

8 *Microstoria/microhistoire/microhistory**

Francesca Trivellato

Em 11 de abril de 2014, o Instituto de Estudos Franceses da Universidade de Nova York patrocinou um simpósio intitulado “History, Memory, and Scaling of the Past: a Tribute to Jacques Revel”.¹ Ao preparar meu texto para a ocasião, que publico aqui com pequenas revisões, me vi surpreendida pela extensa bibliografia acadêmica que existe atualmente, e em várias línguas, sobre um dos assuntos propostos, qual seja, “a escala do passado”, e, mais especificamente, sobre a micro-história. Ainda assim, esse tributo nos leva a lançar mais uma vez a questão: o que é a micro-história?

Cerca de 40 anos depois da publicação de *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg, considerado a mais famosa das micro-histórias, a pergunta permanece mais relevante do que nunca. Desde o surgimento desse estudo de referência, a micro-história evoluiu, assumiu diferentes significados para diferentes públicos, dentro e fora da universidade, mesclou-se e entrou em choque com outros gêneros e agendas da academia.

Mais do que qualquer outra tendência historiográfica, a chamada a história global levantou novos desafios para a micro-história. A micro-história foi literalmente acachapada pela ascensão das histórias mundial e global, pela virada espacial (*spatial turn*), pela grande história (*big history*) e pela *big data*. Ao mesmo tempo, o argumento central da micro-história – que diz que a variação de escalas de análise semeia novas e radicais interpretações para as grandes narrativas que são comumente aceitas – adquiriu uma nova urgência à medida que a globalização e seus antagonistas passaram a demandar que historiadores produzissem novas grandes narrativas que versassem sobre as maneiras pelas quais as interconexões e hierarquias foram desenvolvidas em escala planetária. Num fórum intitulado “How Size Matters: The Question of Scale in History”, cujos debates foram publicados na *American Historical Review*, historiadores de campos diferentes discutiram sobre alguns dos caminhos que a profissão tomou em resposta a essa demanda. E é interessante notar que “a questão da escala” é entendida tanto na sua função temporal como na sua função espacial (Aslanian et al., 2013).

* Título original: “Microstoria/Microhistoire/Microhistory (Trivellato, 2015).

¹ Eu gostaria de agradecer a Edward Berenson por ter me convidado e a Herrick Chapman por ter recebido minha contribuição para esse periódico.

Agora, gostaria de conduzir um pequeno exercício, utilizando a variação de escala como uma ferramenta para analisar o que pode se esconder atrás do rótulo “micro-história”, ou, em outras palavras, gostaria de aplicar o método micro-histórico na micro-história como se fosse uma tendência historiográfica. Verdade seja dita, eu apreciaria que Jacques Revel pudesse conduzir esse exercício. Sem dúvida, o resultado seria uma aula virtuosa. Se o propósito tem alguma vantagem é a de que ele tem condição de caracterizar com mais liberdade o papel definidor que o próprio desempenhou e continua a desempenhar na saga da micro-história.

Na função de acadêmico, Revel refletiu mais do que a maioria de seus pares sobre o *status* da história como disciplina e sobre suas múltiplas articulações no Ocidente. Como um administrador de universidade, ele incorporou sua visão da história numa estrutura de programas acadêmicos. A micro-história esteve no centro de seus interesses por um longo tempo. Na verdade, ele fez mais do que qualquer outro para traduzir (literal e conceitualmente) as ambições teóricas de um pequeno grupo de micro-historiadores italianos, colocando-os num campo mais amplo de debates. Enfatizo o papel duplo de Revel – acadêmico e administrativo – porque a sinergia entre os dois não pode ser separada. Hoje, nos EUA e em grande parte da Europa, os dois papéis são vistos cada vez mais como rotas paralelas, quando não divergentes, tanto mais que o corpo docente, particularmente na área de humanas, vê os administradores como uma casta gerencial cada vez mais desconectada das missões de ensino e de pesquisa. A administração da Universidade de Nova York, onde Revel é *global distinguished professor* desde 2005, não está sozinha nos seus esforços junto a vários professores em torno de decisões importantes para o futuro da universidade, incluindo questões concernentes aos seus *campi* de Manhattan e Abu Dhabi.²

A carreira de Revel se desenvolveu na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), da qual ele também foi presidente entre 1995 e 2005. Essa famosa instituição parece ter permitido uma invejável sinergia entre pesquisa e objetivos institucionais. Além disso, Revel ensinou por breves períodos (às vezes de forma recorrente) não apenas na Universidade de Nova York, mas também em várias instituições destacadas dos EUA, Europa, Israel, Argentina, China, Coreia e Índia, desenvolvendo laços pessoais e intelectuais em cada um desses lugares.

A micro-história nos ensinou a importância de se reconstruir redes de relações, a fim de entendermos como são forjados os significados e como o poder é distribuído. Podemos aprender

² No que é provavelmente a mais hiperbólica crítica contra administradores universitários divulgada em meio impresso, um acadêmico inglês recentemente comparou aos colaboradores do regime de Vichy os administradores dispostos a acatar as demandas do ministério do Reino Unido para implementar índices quantificáveis como ferramenta para medir resultados acadêmicos (Collini, 2012:131).

bastante ao traçarmos as conexões pessoais, intelectuais e institucionais construídas por Revel em cada instituição visitada por ele. Entretanto, tal tarefa ultrapassaria os objetivos deste texto. Gostaria de enfatizar, em vez disso, um ponto menor, porém essencial. Mesmo nosso mundo acadêmico globalizado – no qual uma classe privilegiada de estudantes e pesquisadores viajam, estudam, ensinam e trocam ideias através de fronteiras políticas e linguísticas – não está livre de fronteiras ou hierarquias. Ideias e conceitos viajam, mas eles são modificados no processo e, às vezes, não são facilmente traduzidos ou, pior, não chegam a ser traduzidos. Modernidades como *e-mail*, aviões comerciais, cartão de crédito e o euro alteraram dramaticamente nossas vidas quando comparadas às vidas de *globe-trotters* pré-modernos, como Ibn Battuta ou Leo Africanus. Mas mesmo as universidades globalizadas de hoje ainda necessitam de *brokers* transculturais – acadêmicos que formulam projetos intelectuais que transcendem interesses locais, cujo exemplo seja inspirador, e que conhecem as alegrias e armadilhas da comunicação intercultural. Para os micro-historiadores italianos e muitos outros, Revel tem se prestado a esse e muitos outros papéis.

Para minha sorte, posso falar sobre esse assunto, ao menos em parte, baseada em experiência própria. Conheci Revel no pátio de um lindo edifício do século XV que, nos anos de 1980 e 1990, foi usado como sede do Departamento de História da Universidade de Veneza, na Itália, que frequentei como aluna graduanda sob a tutela de Giovanni Levi. Levi costumava convidar seus distintos amigos para falar em eventos, e nós – jovens sequiosos – nos juntávamos ao seu redor. Na época, a exemplo da maioria dos graduandos, eu não estava segura se tinha capacidade ou mesmo se realmente desejava “me tornar uma historiadora” – seja lá o que isso significasse. Eu estava mais preocupada com um movimento de política estudantil chamado La Pantera, que lutava por uma reforma no sistema universitário³ (Berlusconi ainda não havia ascendido ao poder e nós não tínhamos consciência de como as coisas ainda piorariam). Eu ficava mais do que entediada com o fato de que muitas das minhas aulas de história demandavam que eu lembrasse nomes e datas (o que sempre achei desafiador). Não tinha nenhum fascínio real com o passado *per se*. Até então, eu tinha vivido em apenas uma cidade, Veneza, que se vangloria do seu passado de glória. Para mim, entretanto, Veneza parecia quase normal (isto é, o oposto de especial) e achava que seu passado não era merecedor de uma celebração sem fim.

³ Era a chamada “Reforma Ruberti”, que recebeu esse nome por causa do ministro que a formulou, Antonio Ruberti. Ele advogava maior autonomia para cada *campus* do sistema estatal universitário italiano e levantou o espectro do financiamento privado para pesquisa acadêmica.

Como parte de uma série de atividades acadêmicas sem direito a créditos e patrocinadas pelo nosso movimento estudantil, em 1990 Revel veio para Veneza para discutir com o novelista Daniele Del Giudice temas ligados à veracidade nas representações históricas. Eu não tenho certeza do quanto meus colegas e eu entendemos do que foi debatido. Mas durante um *coffee break*, munido da grosseria gentil que o caracterizava, Revel se virou para mim e disse algo assim: “Há historiadores que amam o passado e historiadores que amam o desafio que é dar sentido ao passado”. Aquele aforismo teve um efeito liberador. Subitamente, ser um historiador não significava nem recordar nomes e datas nem recriar as cores, cheiros e sons do cotidiano do passado. Eu não tinha necessidade de me entusiasmar com as reminiscências do passado que me rodeavam. Eu podia usar minhas questões sobre o presente – inclusive sobre a problemática reforma ministerial – para interrogar o passado, sem distorcê-lo mais do que qualquer outro historiador o distorceria. Naquele momento, eu não compreendia completamente esse movimento, mas em uma sentença lapidar, Revel conseguia explicar a diferença complexa entre as múltiplas abordagens historiográficas, assim como as variedades de abordagens da micro-história. Isso, e muito mais, eu viria apreciar nos meses, anos e décadas vindouros.

O caminho das reflexões de Revel sobre o “*projet micro-historique*” remonta a 1989, quando ele incluiu uma introdução estimulante – intitulada *Histoire au ras du sol* – à tradução francesa do livro de Levi, *Le pouvoir au village*,⁴ sobre um exorcista do século XVII no Piemonte (Revel, 1989).⁵ Eu acredito que essa foi a primeira vez que um acadêmico não italiano teorizou sobre a natureza experimental da *microstoria* em relação a práticas existentes de pesquisa e escrita históricas. Levi e seus colegas, incluindo Ginzburg, mas também Simona Cerutti, Edoardo Grendi, Raul Mezzario, Carlo Poni, entre outros, ganharam, depois disso, importância maior do que as supostas minúcias de experiências do passado. Em aproximando a lente de observação sobre as transações de terra entre parentes e vizinhos numa comunidade fechada, sobre a vida de um moleiro excêntrico, sobre a mudança na organização institucional de um grupo de artesãos ou sobre a corrente de emigração de vilas montanhesas, eles se propuseram a nada menos do que revisitar narrativas consolidadas sobre a emergência da modernidade, além de lançar amplas questões metodológicas, tais como a relação entre estudos de caso e generalizações, entre condições materiais e representações simbólicas e entre reconstruções empíricas e narrativas.

⁴ Publicado no Brasil com o nome *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. (Levi, 2000).

⁵ A expressão “*projet micro-historique*” aparece nas páginas ix e xi, mas a noção de “*projet*” perpassa todo o texto.

A leitura de Revel sobre a *microstoria* italiana naquela introdução e nas publicações subsequentes se tornou importante por várias razões. Em primeiro lugar, ela concedeu à *microstoria* uma coerência que lhe faltava e contra a qual impunha resistência. Micro-historiadores italianos sempre rejeitaram a ideia de que eles pudessem constituir algo remotamente parecido a uma escola (todos eles são contrários por natureza, mas também, eu presumo, são menos propensos a abraçar um rótulo que na Itália é mais frequentemente associado ao feudalismo acadêmico do que à criatividade). Eles estão dispersos em várias instituições acadêmicas, e são autodescritos como micro-historiadores. Além disso, seus colaboradores estão mais próximos de uma galáxia intelectual do que de um império dotado de um centro e de periferias. A série de livros *Microstorie*, publicada pela Einaudi desde 1981 e o periódico *Quaderni Storici*, lançado em 1980, serviram como suas plataformas principais, ainda que nunca tivessem se transformado em instrumentos de ortodoxia. Poucos artigos teóricos, alguns publicados em inglês por Levi e Ginzburg, foram a fundo na articulação de premissas comuns e aspirações dos micro-historiadores italianos com as diferentes contribuições realizadas por vários autores.⁶ Mas, como é sempre o caso, esses manifestos exercem controle apenas parcial sobre interpretações subsequentes. Tornou-se uma questão importante a de se definir exatamente quais objetivos a micro-história perseguia; e essa questão podia ser respondida de formas diferentes, dependendo do ponto de observação e da escala de análise de cada um.

Em 2004 e 2005, em duas publicações separadas, Cerutti e Ginzburg negaram que os micro-historiadores italianos pudessem ser divididos em uma ala socioeconômica e outra cultural ou mesmo que pudessem ser designados a partir de uma perspectiva êmica, isto é, a perspectiva dos atores envolvidos no processo, intenções comuns entre as duas alas (Cerutti, 2004; Ginzburg, 2005). Que eles tenham sentido necessidade de fazer essa assertiva é, por si só, revelador. A perspectiva êmica – emprestada da terminologia antropológica utilizada tanto por Cerutti como por Ginzburg – não corresponde totalmente, é fato, ao relato ético de observadores externos. Outros protagonistas pioneiros da *microstoria* italiana foram mais ambivalentes sobre a unidade do grupo. Grendi notou uma fricção entre os seguidores da análise cultural de Ginzburg e os interessados numa micro-história de base político-econômica. Com a linguagem emotiva, quando não elusiva, que lhe é característica (foi Grendi, que cunhou o famoso oxímoro “o excepcional normal”), fala de “*une communauté de style*” formada por um

⁶ Em inglês, ver principalmente, Levi (1992), publicado no Brasil com o nome *A escrita da história* (Levi, 1991); e Ginzburg (1993). Este último também publicado Brasil no livro *O fio e os traços: verdadeiro, falso e fictício* (Ginzburg, 2007).

grupo disperso de acadêmicos que compartilham uma aversão aos excessos retóricos dos quais a maioria dos historiadores italianos se satisfazem, além do que, ainda segundo Grendi, os micro-historiadores preferem a análise à síntese.⁷ Mas, pergunta-se, o que exatamente manteve os micro-historiadores unidos? Teria sido uma posição comum que rejeitou a abstração e as grandes teorias? Um compromisso com a empiria e a autorreflexão? Uma fé pronunciada na habilidade de indivíduos (a maioria deles homens) de forjar o curso dos eventos? Uma inclinação política na direção da esquerda não comunista no país do maior Partido Comunista da Europa ocidental? Talvez uma mistura de todas essas coisas.

E pluribus unum? Diante da heterogeneidade de temas, personalidades e abordagens, será que a *microstoria* tem uma unidade? No momento em que Cerutti e Ginzburg afirmaram a unidade da *microstoria*, 15 anos haviam se passado desde a publicação de *Histoire au ras du sol*, de Revel. Durante esse tempo, micro-historiadores italianos se digladiaram em divisões internas, enquanto uma multiplicidade de autores na Europa e no resto do mundo emprestaram seu trabalho para uma variedade de objetivos e, ao fazer isso, transformaram a abordagem da micro-história.

Em *Jeux d'échelles: la micro-analyse à l'expérience*, uma coleção de ensaios de acadêmicos franceses e italianos publicada em 1996, muitos dos quais em associação estreita com a micro-história, Revel fala de uma “réception américaine” da *microstoria* italiana centrada em Ginzburg e no seu paradigma de evidências e de “*une version française*” escorada na história social e em sua reconceitualização (Revel, 1996b:15). Essa divisão transatlântica na recepção da micro-história é uma das várias razões pelas quais o termo desperta associações diferentes. O imbróglio poderia ser ainda mais complicado se somássemos os britânicos, os alemães e outras variedades nacionais de micro-história em nossa demonstração, mas, para nossos propósitos aqui, mantenho as fronteiras entre EUA, França e Itália.

⁷ Cito a partir da tradução francesa de “Ripensare la microstoria?”, de Edoardo Grendi (2004), publicada como “Repenser la microhistoire?” em Revel (1996a). Além de identificar tendências comuns cruciais na primeira geração de micro-historiadores italianos, esse artigo também coloca Ginzburg de lado, devido a seu interesse em formas culturais em contraste com a ênfase nas práticas sociais prevalecente em outros historiadores do gênero. É importante salientar que, se Grendi não escondeu suas preferências, ele louvou a falta de ortodoxia entre os micro-historiadores italianos pela dialética que operavam entre a análise histórica de cunho cultural e social. A primeira vez em que Grendi lançou a noção de “excepcional normal” foi quando se referiu aos “documentos excepcionais que podem se tornar excepcionalmente ‘normais’ devido à sua relevância” (“*il documento eccezionale può risultare eccezionalmente ‘normale’, appunto perché rilevante*”) (Grendi, 1977). Mais tarde, Giovanni Levi transformou a ideia num conceito mais cogente (acaso fosse conscientemente paradoxal) ao traduzi-lo como “o excepcional normal” (Levi, 1992:109). Note-se que ao emprestar o conceito de Grendi, Jerrold Seigel (2012) se referiu à “exceção normal”, talvez uma tradução inglesa mais acurada para o oxímoro. Agradeço a Seigel por chamar minha atenção para esse ponto.

A receptividade francesa da micro-história italiana deveu-se à convergência de fatores estruturais e contingentes. Os temas que micro-historiadores socioeconômicos investigavam (colheitas compartilhadas, alianças de casamento, migração, clientelismo) ressoavam em vários historiadores franceses, especialmente aqueles envolvidos com a escola dos Annales, que estudava tópicos similares. Aqueles italianos escolheram deliberadamente seus tópicos de forma a colocar em questão princípios-chave da revolução dos Annales. Um sentimento inicial entre os micro-historiadores italianos foi a aversão em relação a teorias totalizantes e imperiosas – marxismo, modernização e funcionalismo estrutural, mas também, talvez especialmente, em relação à *longue durée* de Braudel e suas variantes. Haveria, portanto, desafio melhor do que combater o inimigo no seu próprio terreno?⁸

Os fatores contingentes da “*version française*” presentes na micro-história italiana são facilmente sumarizados em duas palavras: Jacques Revel. A EHESS, no *boulevard Raspail* se provou um centro essencial de referência único que permitiu a Levi, seus colegas mais próximos, além de vários de seus alunos entretecer relações com acadêmicos internacionais. Enquanto a disciplina histórica praticada nos EUA vivia o cisma de identidade entre humanidades e ciência social, movimento que se tornava mais contencioso nos anos de 1980 e 1990, a micro-história na França podia permanecer confortável em meio às *sciences humaines*.

A “*réception américaine*”, assim denominada por Revel, da micro-história italiana também foi modelada por forças amplas e *networks* pessoais, mas de uma forma consideravelmente diversa do que se passou na França. Nos EUA, o processo de adoção rapidamente começou a despontar como um processo de grande divergência. A clivagem transatlântica entre *microstoria* e *microhistoire*, de um lado, e *microhistory*, de outro, pode ser atribuída a pelo menos três fatores. Primeiro, algumas questões que são centrais para todas essas tendências, especialmente questões sobre narrativa e agência, nos EUA, começaram a ser discutidas independentemente da micro-história italiana. Natalie Zemon Davis elaborou uma interpretação muito diferente das virtudes de se reduzir a escala de análise e de se focar em biografias singulares. Em segundo lugar, os acadêmicos que mais ativamente traduziram (e aqui eu digo de forma literal) o trabalho de micro-historiadores italianos foram pesquisadores da Renascença italiana, fascinados mais pelo trabalho de Ginzburg do que pela história social e econômica. O resultado foi, portanto, muito diferente daquele produzido pelas traduções literais

⁸ Já no fim dos anos de 1970, Revel (1979) começa a questionar a supremacia dos Annales e a dissecar sua história. Ver também o texto mais sucinto, porém não menos revelador de Revel (1978). Este último apareceu em um dossiê temático dedicado ao “The impact of the ‘Annales’ school on the social sciences”, em uma das primeiras edições do periódico associada ao então recém-criado Centro Fernand Braudel na Universidade do Estado de Nova York, em Binghamton.

e conceituais capitaneadas por Revel. Finalmente, a maré crescente da história global e mundial nos EUA implicou usos diferentes da micro-história do que aqueles concebidos na Itália num contexto de Guerra Fria, no qual muros e fronteiras estavam por todos os lados e se mostravam quase intransponíveis.

Permitam-me revisar brevemente cada uma dessas três áreas de recepção e transformação. Como consequência de tendências dentro e fora da academia, a micro-história nos EUA é associada com maior frequência a duas palavras-chave: agência e história narrativa. Agência é mais do que um conceito guarda-chuva. Em nossa disciplina, ela significa a ênfase na habilidade individual de resistir e de plasmar as grandes forças da história; é, quase inevitavelmente, vinculada com o estilo narrativo de escrita. Um estilo narrativo – em oposição a um tipo social científico de análise – preza não apenas seu acesso a um público mais amplo, mas também sua propensão a recuperar a subjetividade e mesmo a interioridade de protagonistas individuais – sejam eles os *founding fathers* ou figuras marginais (camponeses, escravos, amas de leite), os quais os historiadores buscaram resgatar do esquecimento. No país que até recentemente podia afirmar sua fé no “sonho americano”, agência, talento individual e *homo faber fortunae suae*, a biografia nunca sofreu os golpes que sofreu na França nas mãos dos Annales. Uma longa tradição anglófona de transparência e acessibilidade na escrita acadêmica (uma tradição frequentemente definida em oposição à propalada opacidade da prosa acadêmica francesa) ajudou a fragilizar as acusações persistentes de elitismo lançadas contra a academia e, ao mesmo tempo, estabeleceu um terreno fértil para micro-historiadores florescerem. Além de tudo, foi em 1979 que Lawrence Stone proclamou o retorno da narrativa (Stone, 1979).

O texto mais conhecido de micro-história ao lado de *Os queijos e os vermes*, de Ginzburg, é, certamente, *O retorno de Martin Guerre*, de Davis (1982). Ambos foram justificadamente louvados e exerceram enorme influência. *O retorno de Martin Guerre* foi concebido como um roteiro de filme antes de ser escrito como livro acadêmico. O filme (estrelado por Gérard Depardieu), relembra Davis, ofereceu-lhe o mais especial “laboratório de história, gerando possibilidades históricas, ainda que não referendadas em evidência”; ainda assim, esse fato também “interpôs ao historiador o problema da invenção” (Davis, 1995). O tesouro escondido em bibliotecas de livros raros e arquivos provinciais podia oferecer tão somente verdades empíricas parciais. Em vez de escondê-las, Davis, uma das mais imaginativas historiadoras do século XX, decidiu transformar “o problema da invenção” em uma de suas preocupações centrais. *O retorno de Martin Guerre*, assim, não apenas se constituiu num avanço dos estudos na questão de gênero, identidade e cotidiano camponês no século XVI, como também fomentou debates sobre os processos de conhecimento associados a *story-telling*. Para Davis, a micro-

história foi apenas uma ferramenta que lhe permitiu analisar essas questões profundas no cerne do debate acadêmico. No seu *Mulheres à margem*, uma coleção de três biografias de três mulheres – uma católica, uma protestante e outra judia – na Europa da primeira modernidade, Davis incluiu um diálogo ficcional entre si e os objetos de seu estudo (Davis, 2006:13). Biografias e narrativas provocam empatia. E, no seu último *tour de force*, *Trickster travels*, Davis preenche os “silêncios e as contradições ocasionais e mistérios” que envolvem a biografia enigmática de Leo Africanus fazendo o uso do “condicional – ‘teria’, ‘poderia’, ‘possivelmente teria’ – e os especulativos – ‘talvez’, ‘quem sabe’”, de sorte a reconstruir “uma história de vida plausível” (Davis, 2006:11).⁹ Propositalmente, Davis nunca se refere a seu livro como sendo uma micro-história. Sua caracterização de Leo Africanus como “um caso extremo” pode ecoar o “excepcional normal” de Grendi, mas *Trickster travels* é também antitético à micro-história, já que usa o contexto histórico muito mais para preencher lacunas de evidência na biografia de um indivíduo do que explora as idiossincrasias de uma história de vida (e sua trilha de papel) a fim de desafiar apanhados historiográficos convencionais que versam sobre o mesmo contexto (Geertz, 2006). Em sua resenha de *Trickster travels*, Clifford Geertz (2006) sugere que o livro toma “um caminho diferente, quando não mais ousado” do que as micro-histórias anteriores de Davis. Todas essas precauções, no entanto, não preveniram a rotulação de *Trickster travels* como sendo uma micro-história, no jargão acadêmico.¹⁰ O ponto aqui é menos categorizar os trabalhos de acordo com uma definição purista de micro-história do que apreciar o largo alcance a que esse rótulo está associado, especialmente na América do Norte.¹¹

O casamento da micro-história com o “tempo verbal condicional” era o que mais perturbava Ginzburg e o que contribuiu para a clivagem transatlântica inicial entre *microstoria* e *microhistory*. Ao garantir a tradução de *O retorno de Martin Guerre* para a órbita da *microstoria*, Ginzburg incluiu um prefácio na edição italiana no qual ele asseverava diferenças mais do que similaridades entre as premissas de Davis e as suas próprias, no que toca à compreensão de ambos acerca da micro-história (Ginzburg, 1989; Davis, 1984). A chegada de Ginzburg à Universidade da Califórnia, em Los Angeles, em 1988, coincidiu com a tradução inglesa daquele prefácio em texto independente e com o começo da fase mais vocal de Ginzburg em seus alertas persistentes contra “um radical ceticismo antipositivista que atacava a

⁹ A respeito de Grendi, ver Davis (2006).

¹⁰ Tonio Andrade (2011) se refere ao livro como um exemplo pioneiro de “micro-história global” (mais sobre essa rubrica abaixo). Da minha experiência, posso dizer que é assim que estudantes de graduação compreendem o livro.

¹¹ Para uma compreensão mais abrangente da micro-história nas suas múltiplas encarnações e interpretações divergentes (ainda que algumas vezes questionáveis) ver Magnússon (2013), além de também ver o *website* mantido por Ildikó Kenyó e István Szijártó (Eötvös University, Budapest) e acessível em: <<http://microhistory.eu/home.html>>.

legitimidade de textos pelo conceito em si” (Ginzburg (2007:3)).¹² À luz da robustez da história como uma disciplina e uma profissão, os alvos de suas polêmicas não parecem tão perigosos como ele os apresentava, mas seu chamado para uma autorreflexão e um empirismo sofisticado angariaram-lhe vários admiradores mundo afora, inclusive nos EUA, onde a virada linguística foi mais influente. Por várias razões, a despeito de sua relação óbvia com a teoria francesa, a virada linguística na Itália e mesmo na França não provocou uma crise no *status* do conhecimento e da escrita da história da ordem que provocou nos EUA. Essa divisão transatlântica tornou-se ainda outro fator que contribuiu para a divergência entre a recepção francesa e a americana do trabalho de micro-historiadores italianos.

O interesse em história cultural (mais do que em história socioeconômica) também estava em alta na América do Norte quando Ginzburg se mudou para a Universidade da Califórnia (UCLA). Foi na mesma época em que Edward Muir e Guido Ruggiero, especialistas na Renascença veneziana, começaram a reunir, em três volumes traduzidos para o inglês, ensaios originalmente publicados no *Quaderni Storici* (Muir e Ruggiero, 1990; 1991; 1994). Menos radical do que o livro editado por Lynn Hunt em 1989 – *A nova história cultural* – esses volumes também enfocavam história cultural e de gênero (Hunt, 2001). As traduções para o inglês omitiram textos seminais de micro-historiadores proeminentes que escreveram sobre temas sociais e econômicos, ao mesmo tempo que incluíram capítulos de acadêmicos italianos cuja associação com a *microstoria* era frágil, para se dizer o mínimo. Muir e Ruggiero assumiram como pressuposto (e, inclusive, exacerbaram) a distinção entre a ala cultural e a ala socioeconômica na *microstoria*, que posteriormente foi negada por Ginzburg e Cerutti. Os volumes editados por Muir e Ruggiero passaram a refletir e se tornaram fonte para a migração transatlântica seletiva do “*projet micro-historique*”.

Conforme testemunha a longa colaboração entre Revel e Hunt, entre outras, a cooperação acadêmica entre França e EUA fomentou resultados muito frutíferos (Revel e Hunt, 1995). Dentro do campo da micro-história, no entanto, as disjunções são várias e profundas. Desde os anos 1990, a ascensão da história global intensificou essas disjunções, mesmo quando ela pretendeu reconciliá-las. Eu me refiro aqui ao encontro entre história global e micro-história num velho terreno: o nexos entre agência e narrativa. Linda Colley afirmou que “nunca poderá ou deverá existir uma versão olímpica da História Mundial, mas sempre existirá sua dimensão humana e individual” (Colley, 2007:300). Sua referência não tão velada é o *Mediterranéé*, de

¹² Numa conferência na UCLA em 1990, que se transformaria num volume influente, Ginzburg se debruça sobre os sentidos dos termos “relativismo” e “ceticismo”, especialmente em sua polêmica com Hayden White. Ver Friedlander (1992).

Braudel, no qual o historiador francês, depois de enfatizar “o necessário esvaziamento do papel do indivíduo e do acontecimento” em paralelo com alterações estruturais ditadas pelo clima, demografia, etc., questionou “se estávamos certos em assumir uma visão tão olímpica” (Braudel, 1995). A pergunta era meramente retórica. Igualmente olímpica foi a trilogia sobre o mundo capitalista que Braudel publicou depois do *Méditerranée*; tão olímpica que Colley e outros historiadores se avocaram do direito de reivindicar que o pêndulo retornasse para a posição original. Na virada do século XX para o XXI, eles sentiram a necessidade de reajustar o foco, mirando a vida de indivíduos; dessa vez, indivíduos que – por vezes de forma forçada, outras de forma voluntária – atravessassem fronteiras e divisões culturais que assombravam a mente de viajantes modernos.

O pressuposto de Colley pode funcionar, à primeira vista, como o cumprimento do *dictum* de Revel:

Il n'existe donc pas d'hiatus, moins encore d'opposition entre histoire locale et histoire globale. Ce que l'expérience d'un individu, d'un groupe, d'un espace permet de saisir, c'est une modulation particulière de l'histoire globale [Revel, 1996b:26].

Na realidade, a integração de história local e global, que se tornou uma ambição fundamental das micro-histórias italiana e francesa, se provou um desafio para aqueles que prezavam a noção de que a multiplicação de escalas de análise – mais do que a valorização da microescala e da biografia – é o mais valioso aparato heurístico da micro-história.

Tonio Andrade ecoa Colley ao reconhecer os avanços do que ele chama de “micro-história global”. “A História Mundial se aproximou do lado ‘Ciências Sociais’ da História”, ele escreve. “Mas nós tendemos a negligenciar os dramas humanos que fizeram a história se tornar viva” (Andrade, 2011:574). Isso pode ser uma rendição certa das tendências prevalentes nas histórias mundial e global, mas é, ao mesmo tempo, uma rendição das aspirações da *microstoria*? Ao vocalizar essas aspirações, nos anos de 1980, Revel cunhou o *slogan* mais incisivo para os micro-historiadores italianos da primeira geração: “*Pourquoi faire simple quand on peut faire compliqué?*” (Revel, 1989:xxiv). “Complicar”, no final dos anos 1980, significava rejeitar as grandes narrativas de teoria da modernização e suas correlatas historiográficas: os efeitos homogeneizadores dos primeiros estados modernos, a supressão da cultura popular e a ascensão das transações impessoais. Também significava combater as questões mais duras de todas as *sciences humaines*: questões de evidência e demonstração,

questões de como se atingem as generalizações. A variação de escala era uma ferramenta para buscar respostas novas e desconcertantes.

Quando se fala em escrever a história do globo durante os milênios, é difícil chegar a novas respostas. A academia e o público em geral nos pressionam a produzir novas interpretações sobre a história humana – e mesmo a ultrapassarmos a história humana quando estudamos o passado. Os micro-historiadores italianos desfizeram várias de nossas certezas, mas nos deixaram sem jeito para explicar a mudança no tempo de uma forma sistemática. Um *mindset* antropológico os empurrou para pesquisar a vida em comunidades demograficamente diminutas e os fez mais versados em análises sincrônicas do que em análises diacrônicas, ao passo que atualmente o interesse, conforme mencionado, se dá tanto nas variações temporais como nas escalas espaciais. Eu, portanto, compartilho a autocrítica solidária de um micro-historiador italiano que recentemente declarou ser “a relação entre micro e macro [...] o verdadeiro calcanhar de aquiles da *microstoria*” (Allegra, 2011). Nas suas versões mais inspiradas, a micro-história advoga a combinação das escalas micro e macro, em vez de favorecer a microescala como um artigo de fé. Ao se manter fiel a esse ideal, as conexões globais apareceram aqui e lá. Levi (1992:96), por exemplo, negou o privilégio da pequena escala para entender as comunidades pré-industriais, oferecendo um exemplo esclarecedor: “Mesmo a mais diminuta das ações, de digamos, alguém indo comprar um filão de pão, na verdade encobre o sistema muito mais amplo do mercado mundial de grãos”. Nem ele nem outros micro-historiadores, entretanto, nos forneceram um relato completo de como capturar essa inter-relação entre o local e o global.

Tendo procurado, eu mesma, explorar empírica e analiticamente a riqueza dessa relação em um estudo de comércio de longa distância no período pré-industrial, posso parecer defensiva (Trivellato, 2009). Mas permaneço convencida de que reconhecer o calcanhar de aquiles da micro-história não significa negar o potencial de variações de escalas de análise e, portanto, negar o chamado à micro-história em nosso tempo de uma história profunda e maior (*big*). No mínimo, Revel manteve seu chamado vivo para toda essa miríade de leitores que se debruçaram em seu ensaio sobre a micro-história.

Nós escutamos mais do que um eco de seus ensinamentos em contribuições bastante influentes. Sanjay Subrahmanyam uma vez descartou aqueles que “deram apoio entusiasmado ao fato de que a ‘micro-história’ pode capturar o macrocosmo” (Subrahmanyam, 2005). Entretanto, mais recentemente, ele lançou um olhar mais generoso para a questão. Em *Three ways to be alien*, ele se mostra mais paciente em relação à desesperança sobre encontros interculturais do passado transmitidos por vários trabalhos de micro-história global do que

sobre o valor heurístico de biografias e micro-análises *per se* (Subrahmanyam, 2011). Sem querer forçá-lo dentro de um enquadramento ao qual ele não pertence, podemos lembrar as exortações de Ginzburg para seguirmos “as pistas” e, portanto, considerar os laços pessoais e acadêmicos de Subrahmanyam com Revel e a EHESS, e de Ginzburg com a UCLA. Mais ainda do que Revel e os micro-historiadores italianos, Subrahmanyam passou sua carreira questionando generalizações bem assentadas sobre a escrita da história mundial e as relações entre Europa e Ásia durante a era que levou ao colonialismo moderno. A exemplo dos micro-historiadores italianos, ele frequentemente confrontou o desafio de desenvolver argumentos com base em documentos que se aproximam da noção de “o excepcional normal” de Grendi. Suas “histórias conectadas” podem ser interpretadas como um possível encontro da micro-história e da história global. Não é coincidência que seu credo seja congruente com o de Revel, que diz que “generalizações são [...] importantes demais para serem deixadas nas mãos de generalistas especializados” (Subrahmanyam, 1997:742).

Em sua longa carreira, a micro-história atravessou tantas ou mais fronteiras do que trapaceiros (*tricksters*) e viajantes (*travelers*) que são o objeto de sua encarnação mais recente. A exemplo do que mostra uma análise em múltiplas escalas de suas peregrinações, o destino da micro-história na Itália, França e nos EUA nos lembra que, no século XX, o mundo acadêmico – a despeito de seus privilégios e universidades globais – não é plano. Mesmo na era da internet e de viagens acessíveis, ideais precisam de *brokers* transculturais a fim de atravessarem tradições nacionais e institucionais muito assentadas. São necessárias visões, habilidades e dedicação de acadêmicos individuais para criar sinergia pessoal e institucional através de fronteiras linguísticas, hábitos pedagógicos e disciplinares, e culturas nacionais arraigadas. Revel tem sido, para a micro-história, o *broker* transcultural mais valioso e comprometido. Sem nenhuma nostalgia originalista, ele permaneceu consistentemente leal ao ímpeto daqueles micro-historiadores italianos que nos anos de 1980 se lançaram a buscar uma história social capaz de recuperar experiências passadas, ao mesmo tempo que também refletiam sobre os filtros normativos e evidenciários que atravancavam os esforços da tarefa. Nesse processo, ele expôs as raízes do movimento em direção da análise micro-histórica, trouxe alívio para as implicações desse movimento e remanejou as ferramentas para produzir novos efeitos (Passeron e Revel, 2005). Se aqueles que leem francês e inglês, espalhados por todos os continentes, podem debater o que implicam as diferenças entre *microstoria*, *microhistoire* e *microhistory* (para não dizer como opera o impacto que seus respectivos méritos e limitações no cenário transiente da academia) é muito devido às intervenções estimulantes que Revel continua a oferecer.

Referências

- ALLEGRA, Luciano. Ancora a proposito di micro-macro. In: LANARO, Paola. *Microstoria: a vent'anni da l'eredità immateriale*. Milão: Franco Angeli, 2011. p. 153-167.
- ANDRADE, Toni. A Chinese farmer, two black boys, and a warlord: towards a global microhistory. *Journal of World History*, v. 21, n. 4, p. 573-591, 2011.
- ASLANIAN, Sebouh David et al. How size matters: the question of scale in history. *American Historical Review*, v. 118, n. 5, p. 1431-1472, dez. 2013.
- BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the mediterranean world in the age of Philip II*. Trad. Siân Reynolds. Los Angeles: University of California Press, 1995. 2 v. (Traduzido no Brasil como *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*. São Paulo: Martins Fontes, 1983).
- CERUTTI, Simona. Microhistory: social relations vs. cultural models?. In: CASTRÉN, Anna-Maija; LONKILA, Markku; PELTONEN, Matti. *Between sociology and history: essays on microhistory, collective action, and nation-building*. Helsinki: SKS/Finnish Literature Society, 2004. p. 17-40.
- COLLEY, Linda. *The ordeal of Elizabeth Marsh: a woman in world history*. Novaw York: Pantheon Books, 2007.
- COLLINI, Stefan. *What are universities for?* Londres: Penguin, 2012.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Il ritorno di Martin Guerre: un caso di doppia identità nella Francia del cinquecento*. Trad. Sandro Lombardini. Turim: Einaudi, 1984. (Traduzido no Brasil como *O retorno de Marin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987).
- _____. *Women on the margins: three seventeenth-century lives*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995. (Traduzido no Brasil como *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997).
- _____. *Trickster travels: a sixteenth-century muslim between worlds*. Nova York, NY: Hill and Wang, 2006.
- FRIEDLANDER, Saul (Ed.). *Probing the limits of representation: nazism and the "final solution"*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.
- GEERTZ, Clifford. Among the infidels. *New York Review of Books*, n. 23, mar. 2006. Disponível em: <www.nybooks.com/articles/2006/03/23/among-the-infidels/>. Acesso em: jun. 2021.

- GINZBURG, Carlo. Prove e possibilità: in margine a “Il ritorno di Martin Guerre” de Natalie Zemon Davis. In: _____. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989. p. 179-201.
- _____. Microhistory: two or three things that i know about it. *Critical Inquiry*, v. 20, n. 1, p. 10–35, 1993.
- _____. Latitude, slaves, and bible: an experiment in microhistory. *Critical Inquiry*, v. 31, n. 3, p. 682, 2005.
- _____. *O fio e os traços: verdadeiro, falso e fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GRENDI, Edoardo. Micro-analisi e storia social. *Quaderni Storici*, v. 35, p. 506-520, 1977.
- _____. Ripensare la microstoria? *Quaderni Storici*, v. 86, p. 539-549, 2004.
- HUNT, Lynn (Ed.). *The new cultural history*. Berkeley: University of California Press, 1989. (Traduzido no Brasil como *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001).
- LEVI, Giovanni. *A escrita da história*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- _____. On microhistory. In: BURKE, Peter. *New perspectives on historical writing*. University Park, PA: The Pennsylvania State University Press, 1992. p. 93-113.
- _____. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- MAGNÚSSON, Sigurur Gylfi; SZIJÁRTÓ, István M. *What is microhistory? Theory and practice*. Nova York, NY: Routledge, 2013.
- MUIR, Edward; RUGGIERO, Guido (Ed.). *Sex and gender in historical perspective*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.
- _____. *Microhistory and the lost people of Europe*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991.
- _____. *History from Crim*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994.
- PASSERON, Jean Claude; REVEL, Jacques. Penser par cas: raisonner à partir de singularités. In: _____. (Ed.). *Penser par cas*. Paris: EHESS, 2005. p. 9-44.
- REVEL, Jacques The Annales: continuities and discontinuities. *Review*, v. 1, n. 3-4, p. 9-18, 1978.
- _____. Histoire et sciences sociales: les paradigmes des Annales. *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*, v. 34, n. 6, p. 1360-1376, 1979.
- _____. Histoire au ras du sol. In: LEVI, Giovanni. *Le pouvoir au village: histoire d'un exorciste dans le Piémont du XVIIe siècle*. Paris: Gallimard, 1989.
- _____. *Jeux d'échelles: la micro-analyse à l'expérience*. Paris: Gallimard-Le Seuil, 1996a. p. 113-140.

- _____. Micro-analyse et construction du social. In: _____. *Jeux d'échelles: la micro-analyse à l'expérience*. Paris: Gallimard-Le Seuil, 1996b. p. 113-140.
- _____. História ao nível do solo. In: LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____; HUNT, Lynn (Ed.) *Histories: french constructions of the past*. Trad. Arthur Goldhammer et al. Nova York, NY: New Press, 1995.
- SEIGEL, J. *Modernity and Bourgeois life: society, politics, and culture in England, France and Germany since 1750*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- STONE, Lawrence. The revival of narrative: reflections on a new old history. *Past & Present*, n. 85, p. 3-24, 1979.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected histories: notes toward a reconfiguration of early modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, v. 31, n. 3, 1997.
- _____. On world historians in the sixteenth century. *Representations*, n. 91, p. 29, 2005.
- _____. *Three ways to be alien: travails and encounters in the early modern world*. Waltham, MA: Brandeis University Press, 2011.
- TRIVELLATO, Francesca. *The familiarity of strangers: the sephardic diaspora, Livorno, and cross-cultural trade in the early modern period*. New Haven, NJ: Yale University Press, 2009.
- _____. Microstoria/microhistoire/microhistory. Trad. André Rosenberg. Rev. téc. Maíra Ines Vendrame (Unisinos). *French Politics, Culture & Society*, v. 33, n. 1, primavera 2015.